

Da fronteira geográfica à digital: "bolhas", novas mediações comunicacionais e o domínio do audio(visual) - Entrevista com Gilberto Maringoni"

por Iberê M. Rosário e Barros e Adriel H. F. Cassini

ISSN: 2236-8000

v.18, n.2, p. 221-230, jul.-dez. 2023

Gilberto Maringoni é jornalista, cartunista e professor universitário. Atualmente, é professor de Relações Internacionais na Universidade Federal do ABC (UFABC), Maringoni é doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Membro do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e de Economia Política Mundial.



É autor de doze livros, entre eles "A Venezuela que se inventa – poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez" e "Roberto Simonsen -Eugênio Gudim – Desenvolvimento, o debate pioneiro de 1944-1945'. Ele também foi chargista do jornal O Estado de S. Paulo de 1989 a 1996 e publicou histórias em quadrinhos no Brasil, França, Espanha, Portugal e Itália.

Nesta entrevista, Maringoni aborda a complexidade e a evolução do conceito de fronteira, tanto em termos históricos quanto contemporâneos, e como essa ideia se manifesta em diferentes áreas de atuação.

Maringoni, considerando suas vivências como quadrista, político e pesquisador, e no contexto do tema deste dossiê, o que é uma fronteira?

Nas três atividades, claro que com especificidades e temporalidades distintas, eu tenho a mesma maneira de pensar. Sempre fui um cara de esquerda, sempre me pautei pela igualdade social em detrimento das questões do mercado. Cada uma dessas atividades tem o seu código específico e sua linguagem. O discurso da charge não é o mesmo de uma tese e de um artigo acadêmico, a charge tem que ser muito imediata. Já a tese é onde você vai fazer mediações, vai elaborar as nuances e, nessa massa de informações, há um direcionamento para responder a uma ou mais perguntas. O mesmo vale na política, pois há uma disputa de opinião pública, de ideias que podem ter força social. Em cada disputa, o que muda são as abordagens e, a partir da minha abordagem, que é da História e da Relações Internacionais, a ideia de fronteira nasce na vida política. No fim do Renascimento, ela nasce na formação dos Estados nacionais. Claro que havia fronteira no mundo feudal, entre um feudo e outro, mas a fronteira era a cerca, um muro, não havia a sofisticação do que se tornaram as fronteiras dos Estados nacionais. As fronteiras induzem a uma

multiplicidade de significados muito fortes. Podemos nos perguntar como é criado o Estado nacional e por que existem fronteiras dentro de uma mesma fronteira. Temos essa primeira definição, em que os Estados se formam na Europa e não é por uma visão eurocêntrica. Agora, quando falamos de nação, entre os brasileiros, tem quem nasceu no Brasil e quer se ver livre disso, quer estar em Miami, em Portugal, mas existe um sentimento nacional de grupos humanos, grupos que estão em um determinado território, que têm diferenças entre si, mas se juntam para estabelecer um regime jurídico, para cercar essa nação e se proteger, e a primeira ação para isso é estabelecer fronteiras. E a partir daí você cria o Estado nação com um governo centralizado, com moeda própria, com uma língua e religiões oficiais. Você tem regras, leis e uma estrutura para estabelecer a fronteira. Toda fronteira, então, acaba sendo arbitrária, porque ela é uma escolha. A partir da ideia de que fronteira é uma escolha ou um pacto coletivo é que se pode estabelecer fronteiras ou limites para as atuações que você pergunta. Qual o limite da ação política? É o limite de determinada conjuntura, da parcela da população que uma liderança ou partido consegue mobilizar. Qual o limite de uma tese? É a capacidade do pesquisador diante das condições materiais que ele consegue para realizar seu trabalho. E para um

cartunista? Está principalmente na cumplicidade do público que o lê e em sua capacidade de estabelecer diálogos e se fazer entender.

Figura 1 – Israel



Maringoni (2024)

Podemos dizer que o conceito de fronteira mudou nos últimos anos?

A gente teve uma mudança conceitual sobre a questão da fronteira nos últimos 30 anos. Vou falar especificamente do âmbito das relações internacionais e da interação entre grupos humanos. Trata-se de algo que estamos tentando compreender até hoje, e eu acho que nós vamos continuar um tempo tentando. Até então, a compreensão de fronteira estava muito ligada ao território, à questão territorial e à delimitação de fronteiras territoriais. Com a internet, eu passo a me relacionar e encontrar identidades de pessoas que eu não conheço pessoalmente, não conheço fisicamente, não convivo no mesmo

território e não falo a mesma língua. Esse conceito a gente começou a chamar de tribos ou bolhas, e a identidade de bolha é algo novo historicamente. Lembro do artigo de um colunista do New York Time, chamado Nicholas Kristof, publicado em 2009. Ele mostrava as fronteiras das bolhas como um fenômeno novo. As redes sociais engatinhavam, elas se popularizaram a partir de 2008, o Facebook surge na mesma época, depois vem o Twitter, o WhatsApp. As pessoas se conectavam com o Skype e o Orkut e já era possível se organizar e começar a falar a estabelecer pontos de contato e identificação com pessoas de países diferentes. Kristof dizia, por exemplo, que quando pretendia discutir a questão Israel e Palestina, procurava blogs e sites com um articulistas que reforçavam o seu ponto de vista. De outra parte, uma pessoa simpática à causa palestina procurava um site que estimulava outro ponto de vista. Para Kristof, isso parecia ser muito reconfortante, tanto psicologicamente quanto cognitivamente, pois reafirma que a pessoa está correta em seu modo de pensar. Há 15 anos ele alertava: estamos começando a criar uma sociedade em que o debate pode ficar cada vez mais rarefeito, com enfrentamentos entre grupos que pensam de maneira cada vez mais refratária a óticas distintas. Criam-se, então, fronteiras de bolhas, que estão

se acentuando nos últimos tempos. Podemos demonstrar isso em dois marcos teóricos. O primeiro, foi quando Manuel Castells começava a falar sobre isso, naquele livro *O Poder da Identidade*, depois tivemos o *O Poder da Comunicação* e, mais recentemente, o livro *Os Engenheiros do Caos*, do Giuliano da Empoli, em que ele analisa as eleições italianas de 2016, e a criação de uma realidade virtual numa disputa pública. Ali, o autor identifica a criação de fake news e as informações dirigidas a determinados grupos, algo que só cresceu nas eleições do Trump, do Bolsonaro, o que já se tornou algo corriqueiro nesse tipo de campanha, favorecido pelas tecnologias e a sofisticação do algoritmo. Não vou discutir a questão da comunicação virtual, mas eu quero dizer que, dessa forma, a gente passa a ter fronteiras nem sempre visíveis em toda a sociedade

E quais são os resultados dessa subdivisão de fronteiras na sociedade?

A subdivisão cria a seguinte situação: eu sou brasileiro, mas essa identidade de brasileiro é difusa, porque, dentro do Brasil, você vai conviver com gente que estabelece fronteiras raciais religiosas e culturais dentro do próprio Estado-nação - que já é uma fronteira. Por exemplo, o que o movimento sionista e o embaixador de Israel

fizeram no Brasil para se articular com a extrema direita brasileira, durante o auge dos ataques de seu país ao povo palestino, é escandaloso. Criam-se subdivisões, não exatamente fronteiras (no sentido das fronteiras nacionais), mas limites nem sempre claros de grupos que tentam disputar a sociedade de maneira violenta. E eu não quero dizer que a disputa se tornou violenta por causa da internet, mas a internet foi a ferramenta para que a violência aflorasse. O fascismo e o nazismo existiram há 100 anos sem internet, com o rádio, com a comunicação interpessoal e com apelos de lideranças da unidade étnico-racial de determinado país.

Figura 2 – Tel Aviv Fashion Week



Estilistas apresentam nova camuflagem do exército de Israel
Maringoni (2024)

No contexto da ruptura de fronteiras, da sua atuação como chargista ou de artistas como a Laerte, Angeli, Glauco, a gente pode ver a sua geração quebrando uma fronteira? Visto que houve uma internacionalização do

trabalho de vocês, levando para a Europa, para América Latina.

Publiquei quadrinhos na França, na Itália e em Portugal, há mais de vinte anos, quando as revistas estavam no auge, além do Brasil. As revistas de quadrinhos começaram a buscar um público adulto após a ditadura aqui, ou seja, na segunda metade dos anos 1980. O Chiclete com Banana, do Angeli, chegou a tirar 120 mil exemplares. Embora fosse pouco em relação à população brasileira, era bastante para uma publicação de humor e quadrinhos. Ali furou-se a bolha do público específico da área, era algo que saia de uma certa marginalidade editorial - o underground - e atingia parcelas de jovens que buscavam mais informações e conteúdo, num tempo em que não existia mais censura à imprensa, como no regime militar. Furar bolhas atualmente é muito difícil. Mesmo com milhões de seguidores nas redes, um influenciador às vezes atinge um gigantesco contingente de um público muito uniforme e sem diversidade. Tem um público enorme, mas é uma bolha. Vou dar um exemplo que ocorreu comigo. Tento ser um cara não elitizado, mas nunca tinha ouvido falar da Marília Mendonça antes de sua morte. Ela tinha 43 milhões de seguidores nas redes sociais, e eu fazia parte de uma bolha ignorante que não a conhecia. Nesse mesmo sentido, eu não sabia quem era o Felipe Neto até

ele começar a “bombar” na campanha do Lula, até ele entrar na minha bolha da esquerda. Então, aquilo que Nicholas Kristof falava sobre sair de compartimentos informacionais, que são fronteiras impermeáveis entre si, e que é necessário eleger alguém de fora da minha bolha como inimigo, pode gerar uma falsa polarização. A polarização política em si não é ruim; pode propiciar saudáveis embates de alternativas na sociedade. Mas a polarização que temos no Brasil é de outra natureza, é a polarização da desqualificação e da anulação do outro. A cultura do ódio existe porque é preciso contrastar com o outro mesmo que seja com expedientes baixos para marcar a minha posição. Como alguém vai afirmar ser um fundamentalista, que acha que a Terra é plana, que algumas pessoas nascem com demônio no corpo outras não, que tenho que matar quilombola e que ser LGBTQIAPN+ é pecado? Eu vou acusar o outro de defender tais ideias e me colocar como o mocinho da história. Eu crio uma bolha e eu comparo essa minha bolha com outras nas redes digitais, mais uma vez criando uma identidade por contraste.

Pensando nas fronteiras estéticas da charge, trazendo ainda a questão política lá dos anos 80, a charge e os quadrinhos encontraram uma série de oportunidades dentro da cultura marginal. Mas, hoje, como isso

acontece dentro da estética? Com o crescimento da extrema direita, como a gente pode ver o aparecimento ou não das charges nas redes sociais? Porque, dentro da reflexão que você

Figura 3 – A onde é ser negacionista



Maringoni (2021)

Eu acho que a gente vive um processo muito forte de perda de espaço da charge como gênero. Isso não ocorre por causa dos autores, mas pela decadência dos jornais. Os grandes artistas estão nas redes. Quando o mercado de informações muda, sai do papel e vai para a tela, ele precisa operar uma mudança no discurso estético e na linguagem. A charge funciona como um punch (soco), como um contraste gráfico na página editorial do jornal. Você tem quatro ou cinco colunas ali falando sobre política, sobre comportamentos e tem a charge para quebrar o padrão do texto escrito. Mas se você observar o espaço dado ao

desenho na imprensa, tínhamos revistas ilustradas, tabloides, o próprio Estadão, no passado, tinha desenhos que às vezes tomava metade de uma página. Na virada do século 21, ainda havia várias capas com desenhos ou charges dentro das revistas, mas o texto já tomava conta. E não é uma posição contra o texto, mas, conforme a comunicação no geral vai se tornando mais visual, o espaço que ela ocupava na imprensa tradicional foi se reduzindo. Os jornais em papel ficaram menores e tendem ao desaparecimento. Isso impacta seu projeto gráfico e o uso de fotos e imagens. Tivemos uma grande fase das charges em 64, depois nos anos 80, mas qual é o jornal que tem charge hoje? A Folha de São Paulo é um dos últimos. E a charge repercute não mais no papel, mas quando ela repercute na internet. Temos pessoas muito boas que se especializaram em desenhar para a internet, e estão em seu Instagram particular. Hoje o que bomba é o esquete, é o Porta dos Fundos, por exemplo. Eles fazem a charge de agora. A gente não pode achar que a charge é só o desenho, porque eles fazem uma charge política e comportamental genial de outra maneira. O Edu Krieger faz isso em paródias de músicas engraçadíssimas em seu Instagram. E é assim que a comunicação evolui, o desenho é um suporte. Então, não é que temos uma

crise do humor ou da charge, ela só mudou de figurino, de roupagem.

Como você avalia a sociedade contemporânea em que a linguagem visual é cada vez mais importante, com uma geração digitalmente nativa e que tem decodificado outro tipo de comunicação nas redes, a exemplo dos memes?

Falando dos memes, todo mundo pode fazer um. Há coisas geniais que as pessoas produzem com o celular nas

mãos. Tem gente que se revela artista, faz esquetes... “Uma câmera na mão, uma ideia na cabeça” era o slogan do Cinema Novo, agora, com o celular na mão você faz coisas ótimas, apesar de haver muita coisa ruim e reacionária. Todo mundo se comunica e para existir um gênio é preciso haver isso, uma quantidade imensa de medíocres se manifestando. Há muita porcaria nas redes. Mas há gente fazendo milagres em 20 ou 30 segundos em vídeos do TikTok. A mídia muda, mas os talentos aparecem e muitas vezes conseguem furar suas bolhas, o que é ótimo!

BIOGRAFIA DOS AUTORES

IBERÊ MORENO ROSÁRIO E BARROS

Graduado em Relações Internacionais (PUC-SP), Mestre em Comunicação (metodista), Mestre e Doutor em História (PUC-SP).

Professor de História Política na Universidade Anhembi Morumbi. Pesquisador na área de Humor, Política e Histórias em Quadrinhos, já atuou com jornalismo especializado em quadrinhos, tem livros publicados sobre HQs e tem dedicado sua atual pesquisa nos quadrinhos underground, udigrudi e da contracultura

E-mail: iberemoreno@gmail.com

ADRIEL HENRIQUE FRANCISCO CASSINI

Mestrando em Comunicação pelo programa de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista (FAAC/UNESP), Especialista em História da Arte pelo Centro Universitário Estácio de Sá e graduado em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Sagrado Coração. Membro do Grupo de Estudo sobre a Nova Ecologia dos Meios (GENEM).

E-mail: adriel.cassini@unesp.br